

CARTA DA ASSOCIAÇÃO DE EMPREGADOS AOS ACIONISTAS DA ELETROBRAS, SOCIEDADE E MÍDIA

Nos últimos dias a Eletrobras tem sido notícia nos jornais pela demissão do Presidente Wilson Ferreira Jr. Desde então vimos especulações, inverdades, bravatas, desinformação, mas pouco, muito pouco debate. Infelizmente, a grande parte da mídia funcionou apenas como reprodutora massiva de falas repetidas, pecando em não analisar com a devida profundidade a Eletrobras, o Setor Elétrico.

A Eletrobras é uma companhia fortemente lucrativa, pagadora de dividendos aos acionistas, dentre eles a União, com um grau de endividamento reduzido. A maior empresa de energia elétrica da América Latina tem, também, um quadro enxuto, com os melhores índices de eficiência comparada a outras do setor (número de empregados por MW instalado ou número de empregados por km de linhas de transmissão). Os dados são públicos, estão no site da Eletrobras.

A força de trabalho tem know-how pioneiro no setor elétrico, tendo sido responsável pela construção e operação de grandes empreendimentos estruturantes do país. Além disso, a empresa contrata seus empregados pela classificação decrescente de nota em concurso público aberto, uma seleção meritocrática, sem indicações.

Não há embasamento técnico nas afirmações reproduzidas de que a Eletrobras não possuiria recursos para investir e de que isso apenas seria possível pela privatização. Uma rápida conferência nos dados de geração de caixa e o nível de endividamento da Eletrobras e de seus pares do setor elétrico é suficiente. No entanto, parece ser mais cômodo repetir essa falácia milhares de vezes até que se torne um mantra na cabeça dos desinformados.

A companhia tem potencial para se alavancar e ampliar sua participação no mercado. Se não o faz, é por opção de seus administradores indicados pelo governo.

Os riscos da privatização de um setor estratégico como o elétrico, todos sabem. Mas fingem desconhecer. Parece uma autossabotagem, uma cegueira deliberada.

Difícil apontar algum serviço público que, após privatização, tenha se tornado um bom custo benefício ao consumidor final. Uns falarão que a privatização das telecomunicações foi um sucesso, mas esquecem que o movimento coincidiu com a evolução tecnológica, que viria de qualquer jeito. E no Brasil temos as operadoras de telefonia como recordistas de reclamação nos órgãos de defesa do consumidor e uma das tarifas de voz e dados mais caras do mundo.

Transporte público, um desastre generalizado. Companhias distribuidoras de energia e transmissoras promovendo apagões recorrentes e duradouros. É o caso recente da Enel Goiás e, claro, da LMTE (Isolux) e seu apagão de mais 20 dias no Amapá.

Falando de desastre, não esqueçamos dos crimes de Mariana e Brumadinho. Sim, crimes. A negligência nos procedimentos de segurança em prol da maximização dos lucros ceifou centenas de vidas, destruiu cidades e causou os maiores impactos ambientais da história do Brasil. Mas o que importa são as ações na Bolsa, estão voando...

Só que isso vocês não verão na Eletrobras. Não haverá descuido na operação de nossas usinas, linhas e barragens. A missão da Eletrobras, detalhada na sua lei de criação, é fornecer energia de qualidade com segurança para 220 milhões de brasileiros, com eficiência, respeitando o meio ambiente e contribuindo para o desenvolvimento social e da infraestrutura do país. É para isso que prestamos concurso. É por isso que temos independência técnica.

Permanecemos estarecidos ao perceber que nada disso é levado em consideração. O que vale são as cotações da bolsa.

Enquanto isso, o presidente da Eletrobras xingava empregados, tomava advertência da Comissão de Ética da Presidência da República, contratava empresa de comunicação para falar mal da companhia. Rasgava manuais de boas práticas de governança corporativa, sendo recordista em cadeiras de conselhos de administração. Foram incontáveis transgressões.

E agora, a Eletrobras bate recordes de mortes por Covid-19 entre as estatais. Até a data de hoje, já nos deixaram 18 empregados, num universo de 12.000, o que equivale a uma taxa de mortalidade de 150 pessoas por 100.000.

Tudo isso fruto de uma administração que coage os empregados a aceitar acabar com o plano de saúde num acordo coletivo arrastado, no meio de uma pandemia. E num cenário de lucros bilionários.

A atual diretoria cortou doações, reduziu ações sociais e quer acabar com Cepel, um dos maiores centros de pesquisa em energia no mundo.

Sinceramente, não vemos nessas atitudes a aderência aos princípios de sustentabilidade ESG. Não conseguimos enxergar o respeito e valorização das partes interessadas, mais especificamente a sociedade e empregados.

Terminamos essa carta desejando que o próximo presidente da Eletrobras vista a camisa da companhia, do Brasil e não a de acionistas e especuladores.

Que o próximo presidente da Eletrobras faça a companhia crescer, pois recursos não faltam.

Que seja desenvolvimentista, social e ambientalmente responsável. Nosso país precisa disso e nós, empregados, desejamos um líder que esteja a altura desses desafios.

Diretoria Colegiada da Associação dos Empregados de Furnas
02/02/2021